



If You Lived Here Still. Un proyecto de archivo de Martha Roster. La Virreina Centre de la Imatge. La Rambla, Barcelona.

O arquivo da política em Martha Rosler*

Marcelo Expósito

Resenha da exposição *If You Lived Here Still. Un proyecto de archivo de Martha Rosler*, de 29 de outubro de 2010 a 30 de janeiro de 2011, La Virreina Centre de la Imatge. La Rambla, Barcelona.

A recente reconstrução em formato expositivo-arquivístico do projeto de Martha Rosler *If You Lived Here...*, realizado em Nova York em 1989, revela algumas problemáticas cruciais em torno da conversão das práticas artísticas com vinculações ativistas em formatos expositivos e documentais, longe de seus contextos originais de produção.

Martha Rosler, arquivo, documento.

Quando o sistema internacional da arte circula atualmente desvalorizando termos como “política”, “relacionalidade” ou “ativismo”, como reconstruir o significado de *If You Lived Here...* (Se vivesses aqui...) de Martha Rosler em 1989? A contrarrevolução cultural da década de 1980 – que desmontou os projetos utópicos e revolucionários das duas décadas precedentes – encontrou base operativa na união entre o objeto de arte e o mercado financeiro. O dinheiro fácil parecia imbatível; tendências como a crítica das representações visuais ficavam presas na jaula da instituição artística ou se emaranhavam na jaula de signos dos sistemas sociais. Dois epítomes do pós-modernismo de resistência, os livros *The Anti-Aesthetic*¹ (1983) [A pós-modernidade] e *Art After Modernism* (1984) [Arte depois da modernidade], compilados por Hal Foster e Brian Wallis, respectivamente, evitavam a pergunta a respeito de como a arte crítica poderia contribuir com reativação próxima dos movimentos sociais.

Uma imagem dominante de qualquer época não deixa de ser também um recorte. *If You Lived Here...* funcionou como as obras que marcam um rito de época: iluminou retrospectivamente – ao catalisá-las – experiências distantes ou tendências difusas opostas à corrente principal, para projetá-las como novo impulso até nível antes impensável. Um artigo de Rosalyn Deutsche e Cara Gendel Ryan (“The Fine Art of Gentrification”) havia esmiuçado já em 1984 a tessitura do setor “boêmio” do mercado da arte com os processos de exclusão social e hierarquização urbana. *If You Lived Here...* dirigiu seu aparato crítico até esse influxo devastador do neoliberalismo, cujas imagens eram a figuração de zonas inteiras e a aparição de uma leva de habitantes sem teto (*homeless*) na cidade de Nova York.

O projeto de Rosler, entretanto, não se limitava a mostrar uma situação analisada. Sua importância residia em operar a maior escala do mesmo processo – sintomático de uma

Tradução Michelle Bacalhau

* Texto recebido e aceito para publicação em março de 2011.

¹ Não há edição brasileira do livro *The anti-aesthetic: essays on postmodern culture*, publicado em 1983 por Hal Foster, com a contribuição de Jean Baudrillard, Douglas Crimp, Kenneth Frampton, Jürgen Habermas, Fredric Jameson, Rosalind Krauss, Craig Owens, Edward Said e Gregory Ulmer. O autor faz referência à tradução espanhola *La posmodernidad*, publicada em 1985 pela Editorial Kairos. Tampouco de *Art after modernism: rethinking representation*, que Brian Wallis organizou também em colaboração, e cuja edição espanhola, pela Akal em 2001, recebeu o título *Arte después de la modernidad: nuevos planteamientos en torno a la representación*. (N.E.)

mudança de paradigma – que sintetizava a atuação de Krzysztof Wodiczko, de *The Homeless Projection* (personagens nobres das estátuas eram convertidos em anônimos moradores de rua, mediante projeções noturnas de imagens), de 1986, a *The Homeless Vehicle* (o veículo-habitáculo-arma para os sem teto, assim exposto em Nova York) de 1989: a arte crítica desbordava sua prática de representação para exercitar a produção colaborativa com outros agentes afetados pela crise causada pelo neoliberalismo ou implicados nas lutas pelas mudanças sociais. Nesse mesmo contexto histórico, 1987 é o ano em que surge o movimento Act Up contra a crise da Aids: em seu contexto figuram de maneira ainda mais nítida (ver *Aids Demo Graphics*, editado em 1990) as práticas de articulação entre a arte crítica, a política de movimentos e o ativismo social, que se multiplicarão no início da década de 1990.

Realizado nos anos 1988 e 1989, o projeto de Rosler formava, junto com *Democracy do Group Material* (ver <http://eipcp.net/transversal/0910/ashford/es>), um díptico produzido pela Dia Art Foundation. Ambos fizeram da sala secundária da DIA no Soho um laboratório experimental em que a arte pública crítica e a crítica institucional se articularam com outros esforços visando recompor o tecido social crítico e de resistência.

Adotaram a forma externa de uma série de exposições temáticas que compendiam materiais heterogêneos (obras de arte e trabalhos não artísticos, documentação gráfica, jornalística ou fotográfica, textos murais, cartazes desordenados e mobiliários para recriar um entorno participativo), rompendo com o efeito de artisticidade do visual expositivo estilizado. E essa forma-exposição era o resultado de processo investigativo, dialógico e colaborativo com agentes sociais artísticos e não artísticos.

Duas décadas depois, a sutil ampliação do título (*If You Lived Here Still*, Se vivesses aqui ainda...) brinca com a conversão do arquivo pessoal de Rosler em exposição-arquivo documental itinerante. A forma arquivístico-expositiva, porém, é agora um paradigma estabelecido no sistema internacional da arte: põe em risco ficar sufocada em um lugar comum. E se diria que a superação do projeto original (da arte crítica ao ativismo social) necessitaria ser executada no sentido contrário: se um determinado arquivo se compõe de fragmentos residuais de práticas artísticas críticas e de ativismo social, qual poderia ser sua função política, senão ser rearticulado com os novos contextos sociais? Qual poderia ser sua utilidade, senão se dispor a sua reativação crítica e política?

Essas duas perguntas marcavam o frequente problema de como evitar que um arquivo se coisificasse ou perdesse forças daquele que o absorve. A estância de *If You Lived Here Still*... na Virreina mostra a rara virtude de uma matriz generativa do dispositivo de exposição fazer jus a essas perguntas. Suas três salas – embora modestas – propunham um protótipo para a recontextualização, reativação e reapropriação crítica do arquivo. A primeira delas, destinada a *If You Lived Here*..., era curiosamente a mais frágil. Dava a impressão de que seu conteúdo se forçava a parecer um arquivo prestes a se dispersar e

confundir a estruturação alcançada pelo fabuloso livro publicado em 1991 com o fio da exposição original. Uma quantidade inigualável de recortes de imprensa encaixotados resultava menos legível do que qualquer análise de Neil Smith sobre a batalha do urbanismo em Nova York desde 1980. E os impressos de propaganda de movimentos urbanos reunidos em várias partes do mundo eram letras mortas ou guloseima visual, isolados de seus contextos e conflitos originários.

Uma segunda sala destinava-se a hospedar sessões de discussão fixadas à matriz dialógica na própria estrutura da exposição. E uma terceira continha ampla documentação de diferentes movimentos sociais que têm operado durante as últimas décadas na área metropolitana de Barcelona. Nesse caso, os documentos, ainda que com limitações, tratavam de explicar os conflitos e mostrar a expressividade dos movimentos com suas formas de organização. Ficava, no entanto, suspensa a necessidade de uma política de gestão do arquivo que potenciase sua rearticulação proveitosa com esses mesmos movimentos e conflitos que exhibia. O protótipo, algo estático, anunciava uma obrigação, embora não a cumprisse. Ainda assim – sejamos cautelosos – não é pouco, no atual sistema da arte, colocar ao menos de modo manifesto essa urgência.

Referência

EXPÓSITO, Marcelo. Diário Gara, Euskadi. Mugalari. 28. jan 2011. Disponível em <<http://marceloexposito.net>>.

Marcelo Expósito (Machá, Barcelona, Espanha) é artista, e sua prática se expande aos territórios da teoria crítica, trabalho editorial, curadoria, docência e tradução. É professor no Programa de Estudos Independentes (PEI) do Museu d'Art Contemporani de Barcelona (Machá) e na Faculdade de Bellas Artes, Universidade de Castilha-La Mancha (Cuenca). Membro da Universidade Nômada e da Red Conceptualismos del Sur. Faz parte do coletivo editorial da revista online *Transversal*. Foi cofundador e coeditor da revista *Brumaria* (2002-2006). Editou *Modos de hacer. Arte crítico, esfera pública y acción directa* (2001), *Historias sin argumento. El cine de Pere Portabella* (2001), *Producción cultural y prácticas instituyentes. Líneas de ruptura en la crítica institucional* (2008) e *Los nuevos productivismos* (2010). / info@marceloexposito.net